

Introdução: LITURGIA E VIDA CRISTÃ

No documento *Sacrosanctum Concilium* se afirma ser a liturgia *culmen e fons* da vida da Igreja. Dois termos repetidos tantas vezes, mas, talvez, sem assumi-los em suas conseqüências para a vida pessoal e a espiritualidade eclesial.

Começando nosso encontro, pretendo propor algumas reflexões essenciais a respeito de liturgia para entrarmos, com lucidez intelectual e espiritual, no sentido mais autêntico do que fazemos quando, como *presidentes das celebrações litúrgicas*, estamos diante do *Povo de Deus* orando ao nosso Deus e Senhor. Queremos compreender melhor e aplicar à nossa vida os dois termos citados, isto é, ver o sentido que a liturgia tem na e para a vida pessoal e eclesial. Objetivo dessa reflexão: viver com intensidade espiritual e maior proveito pastoral esses momentos de graça, verdadeiros *kairós* em nossa vida de cristãos e de pastores.

1. Questionamentos: o que é e porque a liturgia ? Quando uma liturgia é cristã?

Na maioria das vezes, estudos e conversas sobre **liturgia** consideram o COMO da mesma; mas, antes, é preciso se perguntar o ‘PORQUE’ e ‘O QUE É’ a liturgia da Igreja cristã. Logo surge uma pergunta que, talvez, pode aparecer desnecessária, ou já pacífica aquisição pelo uso dos rituais que temos em nossas mãos; a pergunta é: AS NOSSAS LITURGIAS SÃO CRISTÃS? Quais as condições e as características que tornam cristãs as celebrações da Igreja? Não basta falar em *Liturgia* para dizer que essas são *cristãs* e louvam ao *Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo*. O questionamento mais próprio para nós, seguidores de Jesus, deve levar a avaliar as características próprias de uma liturgia que pretenda ser *Liturgia cristã*.

Bem sabemos que toda religião tem suas liturgias. Poderíamos afirmar que toda instituição ou aglomeração social tem seus ritos. Então, eis que a pergunta se torna legítima.

O papa Bento XVI, quando era ainda o teólogo Ratzinger (em 1966) escrevia: “A liturgia não consiste em se encher do sentimento do sagrado, por meio de frêmitos e de alusões, mas em se colocar diante da espada cortante da Palavra de Deus (cf. Hb 4,12). Ela não consiste em nos colocar em um ambiente de solenidade e de beleza para se recolher e meditar em paz, mas em nos introduzir no ‘nós’ dos filhos de Deus”¹.

A liturgia é a *epifania* mais verdadeira e transparente da Igreja. Por isso, o rosto do que a Igreja é, pode-se perceber pelo e no estilo do celebrar. Nada manifesta melhor o mistério da Igreja mais do que a Eucaristia. Escreve o monge Enzo Bianchi: “É mesmo nesta delicadíssima relação entre Igreja e liturgia que se arrisca a pertença à Igreja e se podem instaurar forças de divisão e conflitos que desfiguram a comunhão eclesial”². De fato, a liturgia, o momento e a expressão máxima da comunhão eclesial, pode-se tornar a fonte da maior divisão. Não falo de coisas ‘possíveis’, mas de algo que aconteceu, tantas vezes, ao longo da história da Igreja, e continua acontecendo nas grandes como nas pequenas manifestações da vida eclesial. A razão disso está no fato que a liturgia vive essencialmente usando o *simbólico* (isto é, ‘o que une’), algo que pertence às esferas mais íntimas e profundas do ser humano e das expressões da religiosidade e da fé. É o espaço interior onde a pessoa humana se encontra consigo mesma à procura de um sentido para a sua vida e uma luz para responder às perguntas mais questionadoras sobre a vida e a morte. Nesse âmbito, parece que o diabo, especialista em dividir, gera o que lhe pertence, o *diabólico*, o exato contrário do simbólico.

¹ In *Le catholicisme après de Concile*, in *La documentation catholique hors-série I* (2005), p. 7: cf. BIANCHI, E. *Il Vangelo celebrato*, p. 20.

² BIANCHI, E. *Il Vangelo celebrato*, p.29.

2. O Concílio, para tornar a liturgia mais cristã

O Concílio – como se lê, no início o documento sobre liturgia - tinha como objetivo “fazer crescer sempre mais a vida cristã entre os fiéis” (SC 1). Portanto, podemos dizer que, para isso, procurou tornar a liturgia mais cristã. Quem conheceu a liturgia antes do Concílio, com certeza, pode dizer que a maneira de celebrar proposta pelo Concílio (também se nem sempre compreendida e executada da forma proposta) é mais coerente – nas formas e nos conteúdos – à *verdade do Evangelho* (Gl 2,14) e, por isso, mais adapta às exigências das pessoas de hoje.

Com isso, não significa que, antes do Concílio a liturgia não fosse *cristã*. Por séculos, essas formas litúrgicas nutriram a fé de milhões de irmãos e irmãs e alimentaram numerosos santos e santas. Mas, hoje, quem compreende e procura viver a e da liturgia como saiu da Reforma do Vaticano II tem a possibilidade de usar expressões litúrgicas mais fiéis às origens da vida da Igreja, e de forma mais coerente e fiel ao *evangelho do Senhor Jesus* (At 11,20).

O Concílio quis realizar uma *conversão* da Igreja toda à luz e com o alimento da Palavra, para torna-la mais coerente com o Evangelho. E, do momento que não pode existir uma Igreja convertida sem a liturgia e suas expressões, eis que, por divina inspiração e por vários eventos que acompanharam sua preparação, o Concílio começou a proposta de renovação eclesial pela liturgia, a ‘manifestação mais alta do mistério da Igreja’.

Então, o critério que deve nos orientar – critério que foi o do Concílio – é de ver como tornar nossas liturgias, em todas as suas expressões, mais coerentes com o Evangelho. Cientes e conscientes de que nunca alcançaremos a plena fidelidade ao *Evangelho do Reino de Deus* (At 8,12), fidelidade que deve ser procurada e renovada constantemente. A tentação que o ‘velho estatuto’ dos ritos pagãos e de liturgias celebradas só ‘de boca’ – como denunciavam os profetas da primeira Aliança – acompanha a história da Igreja.

3. Refletindo com a Palavra de Deus a da Tradição

Recordando Isaías (29,13), Jesus usa palavras duras: *Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim* (Mt 15,8). Ainda Mt (6,7-8), no contexto do *sermão da montanha*, falando em oração, alerta: *Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos. Não sejais como eles, porque vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes*.

Isaías, no início de seu livro, escreve: *De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios? ... Estou farto de holocaustos de bodes, de gordura de touros... Parai de trazer oferendas sem sentido! Incenso é coisa aborrecida para mim! ... Quando estendeis as mãos para mim, desvio o meu olhar* (Is 1,11-15, passim). Não pensemos sejam coisas do ‘antigo testamento’, hoje já superadas. De verdade, *não há nada de novo debaixo do sol* (Ecl 1,10).

Por isso,

“se os ritos cristãos não forem reconduzidos ao evangelho como ao seu peculiar lugar de verdade e como ao seu critério último de juízo, eles são destinados a se esvaziar de sua qualidade cristã. De fato, todas as vezes que os ritos se afastam, no conteúdo como na forma, da substância do evangelho, eles entram num processo de encolhimento que os leva a serem simples ritos religiosos”³.

A vigilância não toca somente a dimensão da liturgia. É da vida em geral e das suas expressões religiosas. Todos recordam que nossos primeiros irmãos de fé eram tachados de ser ‘sem religião’ pelo fato que não tinham templos, nem altares nem ritos especiais. O culto acontecia ao redor da mesa, nas casas, no contexto profano. Aqui entrava, com todo seu sentido

³ Ib., p. 37.

transformador, o *mistério* da morte e ressurreição do Senhor. Lembremos do que escreve a *Carta a Diogneto*:

“Não se distinguem os cristãos dos demais, nem per região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam cidades à parte, não empregam idioma diverso dos outros, não levam gênero de vida extraordinário. (...) Não seguem opinião humana alguma, como vários fazem. Moram alguns em cidades gregas, outros em bárbaras, conforme a sorte de cada um; seguem costumes locais relativamente ao vestuário, à alimentação e ao restante estilo de viver, apresentando um estado de vida (político) admirável e sem dúvida paradoxal... Toda terra estranha é pátria para eles e toda pátria, terra estranha. Casam-se como todos os homens e como todos procriam, mas não rejeitam os filhos. A mesa é comum; não o leito.... Para simplificar, o que é a alma no corpo, são no mundo os cristãos... Os cristãos residem no mundo, mas não são do mundo”⁴.

O Autor, antes, tinha falado do culto “dos gregos que oferecem sacrifícios a deuses insensíveis e surdos”⁵, e termina dizendo: “Não alimentem a esperança de aprender de homem algum o mistério do culto divino que lhes é próprio”⁶.

Esses pensamentos nos ajudam para entrarmos na compreensão das características – da espiritualidade - do culto dos cristãos. O autor da Carta a Diogneto tem palavras críticas também a respeito do culto dos hebreus⁷. Nesse escrito, manifesta-se uma consciência profundamente imbuída dos princípios do evangelho e da diversidade do culto cristão. Do resto, o apóstolo Paulo, na carta aos Gálatas (4,10), queixa-se com os cristãos da Comunidade pelo fato que *observam dias, meses, estações, anos*, algo que pertence ao tempo quando, escreve, *não conhecendo Deus, servistes a deuses, que na realidade não são* (Gl 4,8). No início da carta, Paulo afirma: *o Evangelho por mim anunciado não é de categoria humana, pois não o recebi nem o aprendi de uma instância humana, mas por revelação de Jesus Cristo* (Gl 1,11-12).

4. A busca constante da ‘novidade’ evangélica

Na liturgia, portanto, como na vida cristã, é preciso procurar sempre a ‘novidade’ evangélica. O Papa Francisco escreve que “com a sua novidade o evangelho pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã... nunca envelhece” (EG 11).

Sabemos que a dimensão litúrgica não anda separada do resto da vida de fé, como da pastoral. Sem esse trabalho de síntese, a liturgia fica áfona e não vai comunicar a mensagem de vida nova em Cristo que lhe pertence. Justamente, SC escrevia que existe um *antes* e um *depois* da liturgia; sem esses dois momentos, a liturgia não vai alcançar o seu objetivo.

Recordamos as palavras do grande bispo e Padre da Igreja, são João Crisóstomo (IV século):

Assim como não se põe o incenso em carvão apagado, não adianta a celebração litúrgica sem uma verdadeira oração individual. O desejo espiritual é como o fogo, a oração individual faz a pessoa se abrasar nesse fogo. Então, quando as brasas estão acesas, se põe o incenso da liturgia e se realiza a oração comunitária⁸.

Portanto, não basta fitar nossa atenção sobre o ‘como’ da liturgia, sem ter amadurecido o espírito de fé e ter compreendido o que significa pertencer a Cristo. Confesso que, às vezes,

⁴ *A carta a Diogneto*. Cap. V e VI (passim). Introdução e Notas de Dom Fernando A. Figueiredo. Editora Vozes Petrópolis, 2003², p. 23-25.

⁵ *Ib.*, cap. III, 3; *op. cit.*, p. 21.

⁶ *Ib.*, cap. IV, 6; *op. cit.*, p.23.

⁷ Escreve, por exemplo: “Pois, seria lícito aceitar como sendo boas algumas das criaturas de Deus destinadas à utilidade dos homens e rejeitar outras, tendo-as por inúteis e supérfluas? Não seria ímpio imaginar que Deus profba fazer algum bem no dia de sábado? Não seria ridículo gloriar-se da mutilação da carne, como se fosse sinal de eleição, de especial amor de Deus?”: *Ib.*, cap. IV, 2-4; *op. cit.*, p. 22.

⁸ CRISÓSTOMO JOÃO (SÃO). *Comentário sobre o Salmo 140,3* (PG 55,430).

observando certas celebrações nas TVs, sobretudo católicas, pergunto-me: ‘será que este irmão que preside a celebração, ele acredita em Jesus Cristo e no mistério que está celebrando’?

Se faltar ou se não for profunda e sincera a experiência de fé, de nada adianta falar em *liturgia cristã*. Antes, portanto, é preciso se colocar, com sinceridade e humildade, diante de Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, em atitude de fé.

O teólogo protestante Karl Barth escrevia: “Se tudo o que é cristão não for referido ao Evangelho, não seria outra coisa que um produto secundário humano, um perigoso resíduo religioso”⁹. E Jean Danielou, teólogo católico e cardeal, ainda em 1964, afirmava: “A liturgia cristã é cristã antes de ser litúrgica... Não é a forma cristã do sentimento religioso. É a expressão litúrgica do fato cristão”¹⁰.

Essa busca não é de hoje. Desde Francisco de Assis, até o Papa Francisco, fala-se de anúncio do Evangelho *sine glossa*, sem comentário, mas em sua essencialidade, simplicidade e riqueza. Na história da Igreja, no início do concílio de Trento, um discurso do cardeal Marcelo Cervini, legado pontifício, colocava a questão de forma clara, apontando três princípios da fé cristã; isto é, os livros sagrados, o evangelho, a revelação do Espírito na Igreja. O divino Espírito, como dizia Jesus, *vos guiará em toda a verdade* (Jo 16,13). O *Evangelho da salvação* (Ef 1,13) é o princípio supremo debaixo do qual devemos colocar a vida toda da Igreja, com suas instituições e leis, atividades e celebrações. O *Evangelho da salvação* é o critério único e a autoridade máxima que deve nos orientar. Escreve o cardeal Kasper: “O Evangelho é a força do Senhor glorificado na Igreja e sobre a Igreja mediante a sua palavra viva”¹¹; algo que nunca se esgota.

5. Para uma liturgia mais fiel ao Evangelho

O Papa São João XXIII afirmou no discurso de abertura do Concílio: “Uma é a substância da antiga doutrina do *depositum fidei*, e outra é a formulação do seu revestimento”. Único critério de avaliação da identidade da liturgia é a fidelidade ao evangelho. Ela será mais *culmen et fons* da vida da Igreja quanto mais ela se manter fiel ao *evangelho da glória de Cristo* (2Cor 4,4). E, sem sombra de dúvida, a intenção do Concílio foi a de dar à Igreja uma liturgia mais fiel ao Evangelho. SC escreve que “a liturgia consta de uma parte imutável, porque de instituição divina, e de uma parte suscetível de mudança”. Por isso, eis que essa ‘parte imutável’ permanece, mas as expressões podem ser diferentes, segundo as épocas e as culturas. A busca dessa fidelidade deve ser permanente.

Desde o início da história da Igreja, algo estava dando errado, se Paulo escreve aos de Corinto: *Quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor* (1Cor 11,20). Os cristãos de Corinto se reuniam sim para celebrar a *Ceia do Senhor*, mas tinham perdido seu sentido mais verdadeiro, a sua qualidade *cristã*. Paulo destaca que ele ensinou *o que tinha recebido*; sua fonte é a Igreja que *entrega*, de geração em geração, a essência da vida de Jesus e seus ensinamentos.

Interessante o que o Papa Francisco afirmava, na entrevista ao diretor de *La Civiltà Cattolica*, respondendo à pergunta sobre o que foi o Concílio Vaticano II: “O Concílio foi uma releitura do evangelho à luz da cultura contemporânea... O trabalho da reforma litúrgica foi um serviço ao povo como releitura do evangelho a partir de uma situação histórica concreta” E conclui: “A dinâmica de leitura do evangelho atualizada no hoje que foi própria do Concílio é absolutamente irreversível”¹².

⁹ Cf. *Il Vangelo celebrato*, p. 37-38.

¹⁰ *Ib.*, p. 47.

¹¹ *Ib.*, p. 40.

¹² Cf. *La Civiltà Cattolica* 3918 (19 de setembro de 2013), pp. 467; cf. *ib.*, p.45.

Evangelho e cultura contemporânea são as duas dimensões que devem acompanhar toda obra de evangelização. Com o Concílio, a Igreja se põe em diálogo com o mundo, procurando discernir o que é e o que não é positivo no mundo, criando uma reciprocidade entre Igreja e cultura. A reforma litúrgica foi realizada para ser a Igreja mais fiel ao Evangelho, colocando-se, ao mesmo tempo, em escuta e diálogo com o povo que vive no hoje da história. Por isso, o Concílio foi definido de *pastoral* por essa preocupação que o orientou em todos os seus trabalhos, e não no sentido de reduzir seu valor no que ensinou. Por isso, acolher a liturgia e suas expressões conciliares, significa acolher algo que visa fidelidade ao evangelho para uma melhor compreensão e vivência por parte do povo, hoje. Significa, também, reconhecer que não é possível viver o evangelho sem fidelidade ao ser humano em seu hoje. O Evangelho é – deve ser – sempre contemporâneo a cada pessoa. A liturgia mostra a identidade da igreja; é o lugar onde a Igreja de Cristo se manifesta, iluminada e julgada pela Palavra. Portanto, a liturgia com suas expressões rituais (ritos, textos, estilo...) é chamada a sempre se espelhar no único Evangelho de Jesus.

Partilhando o pensamento de numerosos estudiosos do Vaticano II e de eminentes liturgistas, reconheço que, com o Concílio, a nossa maneira de celebrar se tornou mais próxima da forma do evangelho e, portanto, se bem compreendida e vivida, a liturgia da Reforma conciliar do Vaticano II é mais cristã. Com isso, não quero dizer que todas as formas de celebrar hoje com o Missal de Paulo VI sejam ‘conciliares’. Precisamos entrar no espírito e definir as modalidades mais coerentes e fiéis. Muitas polêmicas ou equívocos não pertencem à SC, mas a uma insuficiente ou distorcida compreensão do que o Concílio quis propor.

Pretendo, portanto, com serenidade, partilhar algumas reflexões, analisando os momentos principais da celebração eucarística, algo que pertence aos nossos hábitos cotidianos e à essência da nossa vida cristã e do nosso ministério.